

Entrevista

Célio Torino

Por: José Carlos Reis de Souza



Célio Torino, mestre em História pela (Unicamp), autor de “Na trilha de Macunaíma”: Ócio e trabalho na cidade. Foi secretário da Secretaria de Cidadania Cultural (SCC), antiga Secretaria de Programas e Projetos Culturais (SPPC) do Ministério da Cultura. É o responsável pelo entendimento e implantação do Programa Nacional de Arte, Educação e Cidadania Cultura Viva, que tem como instrumento central os Pontos de Cultura, núcleos de produção cultural que são selecionados por meio de editais para receber do Ministério da Cultura subsídios financeiros para execução de suas atividades.

E.V. - Quais foram os caminhos, intelectuais e políticos que levaram você até a Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura hoje, Secretaria de Cidadania Cultural.

C. T. - Comecei minha militância social e política em 1977 no movimento estudantil secundarista. Na sequência entrei no “PCdoB” e participei de toda a luta pela redemocratização do país, sendo: das lutas sindicais, Movimento Contra a Carestia, Comitê Brasileiro pela Anistia, Movimento de Defesa da Amazônia e Campanha das Diretas Já.

Sempre tive uma união mais direta com a organização da cultura. Mesmo quando estava na universidade, fazendo História na Unicamp, eu me dedicava muito às atividades culturais nos bairros, periferias e favelas na região de Campinas. Com cineclubes, feiras de artes e atividades culturais em bairros distantes nessas regiões.

Isso fez com que desde o início eu desenvolvesse meu trabalho profissional. Conduzi diversos museus de história e antropologia, até que fui chamado para trabalhar como secretário de cultura em Campinas, de 1990 a 1992. Como secretário, desenvolvi a importância do que hoje são os “Pontos de Cultura”. É claro que era algo um pouco menos elaborado do que a gente aplica hoje, mas envolvia as casas de cultura, com gestão comunitária e uma série de ações mais autônomas e próprias da comunidade sendo desenvolvidas nesses locais. Depois fiz mestrado em História e Cidades, escrevi vários ensaios entre eles Na trilha de Macunaíma em 2004, que é um livro que trata da relação ócio e trabalho na cidade e da própria constituição do sentido de identidade a partir de um estudo dos modernistas, da relação da cidade com seus espaços de lazer, que, sobretudo são áreas culturais. Em maio de 2004, Gilberto Gil (Ministro da Cultura entre 2003 e 2008) me convidou para trabalhar no Ministério da Cultura e formular um programa que se gestava com uma série de problemas. Era um programa de acesso a cultura e que não tinha dado muito

certo. Isso porque ele tinha o foco muito voltado para estrutura e a construção de centros culturais em periferias e favelas no Brasil. Não tinha muito embasamento em termos de conteúdo, do uso e da ação permanente. Cultura é, sobretudo, muito mais que prédio, pessoas e um processo contínuo. O próprio nome, a própria etimologia da palavra cultura vem do latim, “colere” que quer dizer cultivar. E a mudança que eu propus foi simples: nós deixamos de colocar o foco na estrutura para jogar o foco naquilo que é o próprio fazer cultural.

E.V. – Como você traduz a parceria da cultura junto ao Estado de São Paulo e a população?

C.T. – Nós tivemos uma boa experiência com os 300 “Pontos de Cultura”. O Ministério da Cultura repassou 36 milhões de reais para o Governo do Estado e o Governo do Estado colocou mais 18 milhões de reais. Depois houve um processo de seleção, que permitiu estruturar “Ponto de Cultura” em 185 cidades do Estado de São Paulo, inclusive cidades muito pequenas, municípios com 2 mil habitantes, o que é bastante significativo. Isto é um indicativo de como o Governo Federal tem procedido desde que o presidente Lula assumiu. Enquanto estamos no governo, não se olha partido político, olhamos o bem comum e o interesse público, esse é um bom exemplo.

E.V. – Qual é o conceito da cultura de rua e a viabilidade?

C.T. – Eu diria que cultura é tudo, está em todos os lugares e desejo estar em todos. Esse é um conceito amplo de cultura e o Ministério da Cultura trabalhou com o Ministro Gilberto Gil enquanto expressão simbólica, cidadania e economia. Eu diria que nestes seis anos em que estive no Ministério da Cultura, a cultura vem sempre acompanhada de três palavras que começam com a letra “E”; *Ética, Estética e Economia*, tudo isso funcionando junto.

E.V. – Quantos “Ponto de Cultura” existem no Brasil?

C.T. – Já existem mais de 3 mil, beneficiando mais de 10 milhões de pessoas. Há Ponto de Cultura, no Parque Nacional

do Xingu, na fronteira com o Peru, em comunidades Ribeirinhas, Roraima, no Estado de São Paulo, favelas e pequenas cidades com universidades e museus. Enfim há uma ampla fonte de cultura que está presente em todos os cantos, tanto que isso tem chamando a atenção das universidades. São dezenas de teses sobre o assunto e também de vários outros países que começam a implantar "Ponto de Cultura" como política pública em seus países.

E.V. – Como você vê o futuro do "Ponto de Cultura"?

C.T. – Agora, o grande desafio é o marco legal, essa foi uma experiência que nós desenvolvemos, o qual fui o responsável pela formulação dessa política pública a seis anos, e onde cheguei ao ministério em 2004, na época não tinha nada e hoje chegamos a um saldo positivo, mas é preciso que exista uma lei que garanta essas conquistas de modo que a mudança de um governo não haja retrocessos.

E.V. – Porque muitas entidades culturais não conseguem se tornar "Ponto de Cultura", quais são os entraves?

C.T. – Na realidade, é um processo permanente, atualmente já são 3 mil e esperamos atingir a todos, evidentemente é um convênio com o governo, são verbas públicas e as empresas devem

estar legalizadas, e muitas vezes existem limitações neste sentido. Mais eu diria, que as entidades não se preocupavam tanto com isso, porque elas sabiam que tinham pouco acesso. Agora, pouco antes de deixar o ministério no mês de março, lancei mais de uma dezena de editais, com 836 prêmios, no valor de 32 milhões de reais, ou seja, nós estamos chegando, às vezes, não como Ponto de Cultura mas com edital, com prêmio em valor menor para pontinho de cultura, para cultura e saúde, e aí vamos articulando esse processo.

E.V. – Qual é o estado que mais recebe recursos?

C.T. Em termos absoluto São Paulo, e se olharmos o sistema todo de financiamento da cultura, aí inequivocamente São Paulo, porque na lei rouanet também, é a que mais capta recursos. Em termos relativos, a gente tem buscado democratizar e ampliar o acesso, como fez o Estado de São Paulo, garantir que o município pequeno com 2 mil habitantes ou como São Bento do Sapucaí com 5 mil habitantes, na Serra da Mantiqueira que também tem o seu Ponto de Cultura, São Francisco Xavier, um distrito de São José dos Campos, Lobato e assim por diante.

E.V. – Como você memoriza a educação no Brasil?

C.T. – Muito ruim, a estrutura de gestão da educação, deveria ser reprovada,

sobretudo em São Paulo, que é o 14º pior índice de educação do Brasil, há estados que tem uma situação muito melhor, inclusive salarial. Por exemplo, o salário inicial de um professor do Estado do Acre, é de R\$ 1.700,00 reais, já em São Paulo os professores ganham pouco mais de R\$ 1.000,00 reais e se eles querem protestar contra isso, são tratados com bombas, cães e cassetetes. Eu diria que há vinte anos, o Estado de São Paulo tem puxado pra baixo o índice geral de educação do Brasil. Se as pessoas quiserem realmente que o Brasil de um salto é necessário que a gente reveja essa situação. O "Ponto de Cultura" ao se aproximar da educação, ele dá a sua contribuição.

E.V. – Para encerrar a nossa entrevista: O livro que você está lançando "Pontos de Cultura" – O Brasil de baixo para cima é um livro com narrativas de sua experiência a frente do projeto?

C.T. - Neste livro, eu apresento as minhas três facetas, o gestor, o militante político e o historiador. Nele intercalo capítulos mais narrativo/poéticos, com outros mais analítico/conceituais e, ao fim, eu próprio me reencontro e descubro quem sou. Tudo isso está no livro. Escrevi durante uns 4 anos, quase todo em aviões e hotéis; em minhas viagens pelo Brasil afora (e fiz muitas viagens) ia registrando e refletindo sobre o que via.

Maior Durabilidade e Resistência!

Belgo Cor

Belgo Brilho

Diversos tipos de telas e alambrados

Vale Telas

Arames para Aplicações Agropecuárias com a qualidade Belgo Bekaert.

Belgo (12) 3621-1404
www.valetelas.com.br

Av: Dom Pedro I, 835 (Marginal da Dutra) - Taubaté/ SP